

RUA BELÉM DO PARÁ

Decreto nº 3700 de 06-10-1970

Formada pela rua 9 da Vila Aurocan

Início na rua Vicente de Oliveira Pádua

Término na rua Michel Masljur

Vila Aurocan

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas, Dr. Orestes Quércia.

BELÉM DO PARÁ

Belém do Pará é cidade, município e capital do Estado do Pará. Localiza-se num braço do rio Amazonas, no estuário do rio Guamá, que corta o município, sendo que suas terras sofrem inundações periódicas sob a influência das marés. Gozando de privilegiada localização, Belém do Pará é a porta de entrada da região amazônica, e o seu excelente porto concentra intenso movimento comercial. Seu clima é quente e úmido, não existindo estação seca. Belém do Pará é uma das mais importantes cidades do Brasil. Foi fundada a 12-01-1616, sob a designação de S. Maria de Belém do Grão Pará, sendo elevada à categoria de cidade em 1655. A denominação desta rua em homenagem à Belém do Pará, refere-se à dívida da cidade de Campinas àquele Estado, principalmente essa cidade, por haver acolhido ao genial maestro Antonio Carlos Gomes, ao final de sua vida. Coube a uma das mais expressivas figuras da República brasileira, Lauro Sodré, convidar a Carlos Gomes para organizar o Conservatório de Música de Belém, entendendo a situação do insigne maestro, já enfermo, e cujos pedidos para o Instituto de Música do Rio e de São Paulo, haviam sido recusados. Foi, na qualidade de Governador do Pará, que Lauro Sodré providenciou a ida de Carlos Gomes para a direção daquele órgão do Estado nordestino, sendo o maestro campineiro recebido de modo cordial pelo povo de Belém. Foi, pois, graças a ação de um homem de coração e de espírito, como Lauro Sodré, que Carlos Gomes pode falecer sob céus brasileiro, ao calor do generoso carinho dos amigos que encontrou na capital paraense. Facilitando a vinda do corpo do genial maestro para ser sepultado sob o belo monumento em sua terra natal, teve ainda a gente paraense, mais outro gesto nobre, procedendo a doação do piano Pleyel, usado por Carlos Gomes, à cidade de Campinas, e que se encontra no museu dedicado ao ilustre filho desta terra, no Centro de Ciências, Letras e Artes.



DECRETO N.º 3700, DE 6 DE OUTUBRO DE 1970

Denomina "Belém do Pará" uma rua da cidade de Campinas

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica denominada "BELÉM DO PARÁ", a rua 9, da Vila Aurocan, com início na Rua 7 e término na Rua 6, do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 6 de outubro de 1970.

DR. ORESTES QUÉRCIA
PREFEITO MUNICIPAL

ENG. JULIO CESAR PILENSO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Jurídica), da Prefeitura Municipal de Campinas, datilografado por mim, Edith Stefanini, Chefe do Setor de Administração e publicado no Serviço de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 6 de outubro de 1970.

GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
CHEFE DO GABINETE

RUA BELÉM DO PARÁ

Decreto nº 3700 de 06-10-1970

BELEM

Habitante belenense. Unidade da Federação: Pará. Latitude: 1º23'03"S. Longitude: 48º29'18"O. Altitude: 10 m. Área: 705 km². População residente: 934 330 (1950). Densidade demográfica: 1 269,4 habitantes por km². Prefeito: brigadeiro Luís Felipe Machado de Sant'Anna.

Receita da União (arrecadada no município): Cr\$ 537 225 582,81 (1980). Receita do Estado (arrecadada no município): Cr\$ 485 941 355,11 (1980). Receita prevista da Prefeitura: Cr\$ 2 997 700 000,00 (1981). Despesa fixada da Prefeitura: Cr\$ 2 997 700 000,00 (1981). Despesa realizada da Prefeitura: Cr\$ 1 559 125 202,37 (1980).

Principais atividades econômicas: indústrias de beneficiamento e transformação, pesca, agricultura e pecuária. Empresas estabelecidas: 10 415 (1979). Cooperativas: 5 (1975). Agências bancárias: 42 (1979).

Ensino: 177 522 alunos matriculados em 256 unidades escolares de 1.º grau (1974); 10 850 alunos matriculados em 77 cursos de 2.º grau (1974); 12 340 alunos matriculados (1974) em 1 universidade e 6 estabelecimentos isolados (1972). Bibliotecas públicas: 28 (1974).

Hospitais: 40 (1974). Médicos: 972 (1974). Leitos: 8 095 (1979).

Veículos licenciados: 49 803 (1979). Transporte ferroviário: não há (1980). Rodovias federais: BR-316. Aeroportos: 2 (1975). Cinemas: 10 (1980). Teatros: 2 (1974). Emissoras de radiodifusão: 4 (1974). Emissoras de televisão: 3 (1979). Jornais: 4 diários (1975). Hotéis: 18 (1979). Telefones: 46 538 (1978).

Capital do Pará, Belém está situada num dos braços de saída para o rio Amazonas, à margem do estuário do rio Pará. Essa localização lhe permite exercer a função de maior entreposto comercial da Amazônia. Mesmo assim, a cidade vem aos poucos se industrializando e possui fábricas de produtos alimentícios, sabão, vestuário, calçados, móveis, além de curtume de couro e peles, fiação de algodão e alguns estabelecimentos metalúrgicos.

Belém foi fundada em 12 de janeiro de 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco, antigo capitão-mor do Rio Grande do Norte. Ele lançou os alicerces da cidade no local hoje chamado Forte do Castelo, e lhe deu o nome de Feliz Lusitânia, colocando-a sob a proteção de Nossa Senhora de Belém. O lugar não poderia ser melhor, pois, além de oferecer excelente abrigo à navegação, proporcionava acesso a toda a Amazônia e dificultava as incursões dos piratas franceses, ingleses e holandeses. Quando terminou a ameaça representada pelos indígenas e invasores, a cidade já se chamava Nossa Senhora de Belém do Grão-Pará e Filipe da Espanha lhe concedera foros de capitania. Até meados do século XIX, Belém permaneceu na obscuridade e o seu desenvolvimento foi lento e reduzido. Isolada do resto do país, mantinha contato maior com a metrópole portuguesa e por isso não participou do processo que culminou com a proclamação da independência; aderiu a ela somente em 15 de agosto de 1823, após um período de lutas, finalizadas pela intervenção do governo imperial. Mas o povo, descontente com arbitrariedades cometidas pelas autoridades provinciais, iniciou um processo de agitação que se transformaria num dos mais importantes movimentos populares do Brasil: a Cabanagem, que abalou o Pará de 1833 a 1836 (ver *Cronologia da História do Brasil*). Em 1867, com a abertura do rio Amazonas à navegação internacional, Belém iniciou uma época de desenvolvimento que seria enriquecida, já no final do século, pelo surto econômico da borracha. Mas este processo não teria continuidade em vista da descoberta da borracha sintética e da instalação de plantações racionais de seringueiras na Índia, Ceilão, Birmânia, Malásia, Java, Conchinchina e Sumatra. Somente nos últimos decênios é que Belém deu mostras de retornar ao antigo ritmo de progresso urbano.



(Extraído do "Almanaque Abril" para 1982)



RUA BELÉM DO PARÁ

(Denominação dada pelo Decreto nº 3700, de 06-outubro-1970, à rua 9, da Vila Aurocan, com início na rua 7 e término 6 do mesmo loteamento)

BELÉM DO PARÁ é cidade, município e Capital do Estado do Pará. Localiza-se num braço do rio Amazonas, no estuário do rio Guamá, que corta o município, sendo que suas terras sofrem inundações periódicas sob a influência das marés. Gozando de privilegiada localização, Belém do Pará é a porta de entrada da região amazônica, e o seu excelente porto concentra intenso movimento comercial. Seu clima é quente e úmido, não existindo estação seca.

Belém, do Pará, é uma das mais importantes cidades do Brasil. Foi fundada em 12 de janeiro de 1616, sob a designação de S. Maria de Belém do Grão Pará, sendo elevada à categoria de cidade em 1655.

A denominação desta rua em homenagem à Belém do Pará, deve-se à dívida da cidade de Campinas, por aquele Estado, principalmente essa cidade, por haver acolhido ao genial maestro Antonio Carlos Gomes, no final de sua vida. Coube a uma das mais expressivas figuras da República brasileira, Lauro Sodré, convidar a Carlos Gomes para organizar o Conservatório de Música de Belém, entendendo a situação do insigne maestro, já enfermo, e cujos pedidos para o Instituto de Música, do Rio e ao de S. Paulo, haviam sido recusados. Foi, na qualidade de Governador do Pará, que Lauro Sodré providenciou a ida de Carlos Gomes para a direção daquele órgão no Estado nortista, sendo o maestro campineiro recebido de modo cordial pelo povo de Belém.

Foi, pois, graças a ação de um homem de coração e de espírito, como Lauro Sodré, que Carlos Gomes pode falecer sob céus brasileiro, ao calor do generoso carinho dos amigos que encontrou na capital paraense. Facilitando a ida do corpo do genial maestro para ser sepultado sob belo monumento em sua terra natal, coube ainda ao Estado do Pará, doar o piano Pleyel à cidade de Campinas.

BELEM DO PARÁ

História das Capitais

Do Círio de Nazaré

GAMYNÉDES JOSÉ

Francisco Caldeira Castelo Branco, ex-capitão-mor do Rio Grande do Norte, soldado do rei Filipe da Espanha — reino que dominava Portugal — enxugou a testa. Era o fim do dia e de um trabalho muito importante. Contra o céu vermelho do pôr-do-sol, erguiam-se os contornos do Forte Presépio que acabavam de construir. Todo em madeira e tendo por dentro uma capela sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, aquele forte serviria como vigia dos caminhos dos rios e da terra contra ataques de inimigos que tentassem quebrar a paz da vila Feliz Lusitana.

A vila havia sido fundada a 12 de janeiro de 1616 pelo próprio Castelo Branco, ali chegando vindo do Maranhão com um cortejo de 200 homens distribuídos nas caravelas Santa Maria da Candelária, Santa Maria da Graça e Assunção. A escolha daquele nome para a vila era uma homenagem que o espanhol prestava aos portugueses pois os colonizadores daquela empresa eram portugueses, portugueses eram comandante e tripulação das caravelas e portugueses eram os homens que ali viviam. E como padroeira da vila, escolheram Nossa Senhora do Belém do Grão Pará.

Depois de erguido o forte e localizada a vila, o sertanista Pedro Teixeira viaja, por terra, até o Maranhão para levar a notícia e trazer algum material bélico.

Foi o tempo passando, e os moradores de Feliz Lusitana tiveram de enfrentar sérias lutas contra os Tupinambás, os Pacajás, holandeses, ingleses e franceses — esses aventureiros, sempre dispostos a conquistar uma possessão em terras brasileiras.

Durante os um mil e setecentos, a vila já havia abandonado o primitivo nome e era conhecida como Belém. Ali viviam umas oitenta pessoas, e as primeiras ruas foram traçadas paralelas ao rio. Desenvolveu-se mais para o norte, onde se construíam casas de taipa. Os primeiros moradores da zona sul foram os religiosos capuchos da Ordem de Santo Antônio que construíram um hospício. Foi também no correr desses anos que, certo dia, estando um caboclo de nome Plácido a cortar madeira em um lugar solitário, encontrou, perto da mata, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Considerado como bom indício, o acontecimento renovou as esperanças dos moradores de Belém, e a imagem passou a ser venerada com devoção especial.

Hoje em dia, à noite do segundo sábado do mês de outubro de todos os anos, celebra-se na capital do Pará a procissão dessa imagem, ou o Círio, uma das procissões mais famosas do Brasil, tradição que teve início em 1793 por idéia do governador Francisco de Souza Coutinho que organizou a primeira.

A princípio, Belém não se desenvolveu muito porque, ocupados como viviam os portugueses a lutar contra índios e invasores, a procurar ouro e a tentar dominar a floresta amazônica, não puderam cuidar do progresso da vila.

Com a abertura dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Madeira e Negro à navegação de navios mercantes de todas as nações em 1850, é que, efetivamente, começou o grande desenvolvimento de Belém, a capital fundada por um espanhol junto ao Trópico brasileiro.

**Belém do Pará
é nome de rua
em Campinas**

Num gesto altamente simpático e, sobretudo de grande significação para o povo paraense, o Prefeito da cidade de Campinas, no Estado de São Paulo, dr. Orestes Quércia, assinou decreto denominando "Belém do Pará" uma das ruas daquela progressista cidade.

O Decreto foi assinado no dia 8 de outubro e publicado no dia anterior no Diário Oficial do Município, de Campinas. A rua Belém do Pará substituirá na denominação, a rua 9, da Vila Aurocan, com início na rua 7 e término na rua 9.

Ontem, o sr. Adriano Soares Boucault enviou-nos uma cópia do Decreto do Prefeito de Campinas acompanhado de um ofício fazendo a comunicação do fato, acrescentando no ofício que "na qualidade de ex-residente campineiro e agora residente nesta hospitaleira capital, minha iniciativa objetiva testemunhar-lhes a satisfação em comunicar o oportuno gesto de homenagem a uma cidade que tem sido pródiga em demonstrar-me sua receptividade, merecedora das reações acolhedoras de seu povo".

B. P. Prof. E. M. Zink
Doc. de Campinas





FOLHA DO NORTE — 22,10,70

B. P. M. G. E. M. Zink⁷

Campinas

Belém do Pará e nome de rua em Campinas

Documentário de Campinas

Belém do Pará é o nome de uma rua na Cidade de Campinas, Estado de São Paulo. Decreto nesse sentido foi assinado pelo prefeito campinense, dr. Crestes Quercia datado de 6 do corrente. Essa notícia alvissareira que representa a identificação entre as duas cidades, desde a época em que aqui faleceu o maestro Carlos Gomes, um dos mais ilustres filhos do município bandeirante, foi nos comunicada pelo sr. Adriano Soares Boucalt, gerente local do Banco Português do Brasil, cujo expediente endereçado a direção deste jornal, trouxe anexo o Decreto de n. 44 3700 de 6 de Outubro de 1970, referente a denominação de Belém do Pará a uma de suas arterias.

O ofício e o Decreto
Ao Jornal "A FOLHA DO NORTE"
D D Sr. João Maranhão
nesta

Estimado Senhor: —
Formulo a presente para passar às mãos de V. Sa., fotocópia do DIÁRIO OFICIAL de 07/10/70, da Cidade de Campinas SP, em que se publica o Dec. n. 3700, de 06/10/70 em que se denomina a rua daquela cidade com nome de Belém do Pará.

Na qualidade de ex residente campineiro, e agora residente nesta hospitaleira capital, minha iniciativa objetiva testemunhar-lhes satisfação em comunicar oportuna gesto de homenagem a uma cidade que tem sido pródiga em demonstrar-me sua recatada e merecida acolhedoras de seu povo.

Com protestos de minha elevada estima e consideração.
Cordialmente

Adriano Soares Boucalt.
Decreto n. 3700, de 06 de Outubro de 1970
Denomina "Belém do Pará"

uma rua da Cidade de Campinas

O prefeito municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 35, do Decreto Lei Complementar n. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios).

DECRETA:

Artigo 10. — Fica denominada "BELÉM DO PARÁ", a Rua 9, da Vila Aurocan, com início na Rua 7 e término na Rua 6, do mesmo loteamento.

Artigo 20. — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 6 de outubro de 1970

Dr. Crestes Quercia — Prefeito Municipal

Eng. Júlio Cesar Pilensso — Secretário de Obras e Serviços Públicos

Dr. João Batista Morano — Secretário dos Negócios Jurídicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Jurídica), da Prefeitura Municipal de Campinas, datilografado por mim, Edith Steianini, Chefe do Setor de Administração e publicado no Serviço de Expediente Gabinete do Prefeito, em 6 de Outubro de 1970

Getulio Cesar Bassoli Cezare
Chefe do Gabinete.

O LIBERAL

BELÉM — Sexta-Feira, 23 de Outubro de 1970

BELÉM DO PARÁ É RUA EM CAMPINAS



Belém é nome de rua, na Cidade de Campinas, a rua onde nasceu Carlos Gomes, que aqui veio morrer aqui em nossa capital. O "Diário Oficial" da Cidade paulistana, datado de 7 de outubro do ano em curso, publica o decreto no. 3.333, de 6 de outubro, do prefeito municipal de Campinas, dr. Orestes Quereza, que diz o seguinte:

Art. 10. — Fica denominada "Belém do Pará", a Rua 9, da Vila Jurocan, com início na Rua 7 e término na Rua 6, do mesmo loteamento.

Art. 20. — Este decreto entrará em vigor à data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Uma fotocópia do "Diário Oficial" nos foi enviada pelo sr. Adriano Soares Boucault, gerente do Banco Português do Brasil S. A., em nossa capital, com o seguinte ofício endereçado ao nosso diretor superintendente:

Estimado Senhor:

Formulo a presente para passar às mãos de V. Sa. fotocópia do "Diário Oficial" de 07-10-70, da Cidade de Campinas, SP, em que se publica o Dec. no. 3.333 de 06-10-70, em que se denomina rua daquela cidade com o nome de Belém do Pará.

Na qualidade de ex-residente campineiro, e agora residindo nesta hospitaleira capital, minha iniciativa objetiva testemunhar-lhes satisfação em comunicar o oportuno gesto de homenagem a uma cidade que tem sido pródiga em demonstrar-me sua receptividade, mercê das reações acolhedoras do seu povo.

Com protestos de elevada estima e consideração,

Cordialmente

Adriano Soares Boucault".

B. P. M. Prof. E. M. Zink
Biblioteca Particular de Campinas

Belém



Belém do Pará é uma cidade cheia de mistérios e fascínio para todos os visitantes, sejam eles europeus ou mesmo brasileiros de outras regiões. Os sorvetes e sucos trazem o sabor forte e delicioso da selva tropical, a culinária é única e inigualável, oriunda das aldeias indígenas e das cabanas caboclas, o calor provoca a languidez e a sensualidade. Em muitas ruas vêem-se imponentes casarões da época áurea da borracha estampando ainda delicados azulejos portugueses, franceses e até alemães. Para suavizar um pouco o calor abafado de todos os dias, uma suave aragem que vem da floresta costuma descer à tardinha sobre a folhagem das mangueiras que tanto embelezam a cidade.

A capital paraense, conhecida como "porta de entrada da Amazônia", é hoje uma das cidades brasileiras de maiores atrativos turísticos. Fundada em 1616, cresceu ao redor do forte do Castelo, antigo Presépio, erguido às margens da imensa baía de água doce do Guajará, formada pelos rios Guamá e Pará.

Aí no forte, bem na Cidade Velha, tem-se uma boa vista da baía — com a ilha da Onça em primeiro plano — e da fantástica feira do Ver-o-Peso (ver matéria na última página), destacando-se o inconfundível Mercado de Ferro ou Mercado de Peixe, como é conhecido popularmente. Nas muralhas do forte estão os 18 canhões que os portugueses instalaram para defender a entrada da baía, todos eles peças originais. Esta vista pode ser apreciada sob a sombra de uma árvore frondosa, onde há mesas e cadeiras.

Quem estiver no forte deve aproveitar para se iniciar nos mistérios da culinária paraense, já que ali está um dos melhores restaurantes que servem pratos típicos — o Círculo Militar, com o refeitório debruçado para as águas do Guajará. Há sempre a brisa da baía, a beleza da paisagem. Logo na entrada está um painel que mostra o forte original e uma loja de artesanato.

Na Praça da República, no centro da moderna Belém, entre as avenidas Presidente Vargas e Assis de Vasconcelos, vê-se o mais requintado legado do Brasil Império, o Teatro da Paz, de 1868 e com 1.100 lugares, todo cor-de-rosa externamente. O pano de boca foi pintado em Paris e mostra uma alegoria da República.

A Secretaria de Turismo do Pará tem incentivado a volta dos bons espetáculos no Teatro da Paz e há programações semanais. À noite, com suas luzes trazendo a glória e o

fausto do passado, a praça se alegra e o movimento é grande. Ao lado do teatro, no simpático Bar do Parque, um quiosque rebuscado, todos param para tomar uma "cerpinha", cerveja suave e popular tanto em Belém como em Manaus. É comum a presença de artistas e da juventude, da boêmia belenense.

A Praça da República, antigo Largo da Pólvora, conserva muitas mangueiras, coqueiros e árvores nativas; aí estão ainda o Teatro Experimental e o largo com monumentos onde a elite da borracha ia fazer seus passeios de fim de tarde. Esse largo também registrou cenas trágicas, como o enforcamento de insurretos da cabanagem. O monumento a Carlos Gomes, em bronze e ao lado do Bar do Parque, está hoje mutilado pelas pichações e riscados.

Em quase toda a extensão da avenida Presidente Vargas, do Teatro até perto do início da Cidade Velha, os visitantes encontrarão as numerosas lojas de artesanato que vendem uma infinidade de produtos típicos, da já conhecida cerâmica marajoara aos pequenos bibelôs e enfeites, das bolsas e cestas aos perfumes e "cheiros" feitos de essências caboclas da floresta amazônica.

A Paratur — Empresa Paraense de Turismo — tem uma feira de artesanato permanente na Praça Kennedy, onde se podem comprar objetos com os mesmos preços que vigoram nas lojas da cidade. Está próxima do cais, de frente para as docas. São muitos os vasos de cerâmica marajoara e objetos decorativos. Há artigos indígenas, sacolas de fibras e cordas, chapéus (480,00), cortinas de cordas, bolsa de turuvi, sarrapilheira, de java e de couro — preços de Cr\$ 700,00 a Cr\$ 1.500,00. Enfeites de cobras e jacarés feitos de uma borracha da Baixa Amazônia, Cr\$ 250,00. Tartarugas de pedra, apenas Cr\$ 80,00. São muitas as essências — tamba tajá com patichulim ou cheiro do Pará (Cr\$ 322,00), óleo de muiraquitã (Cr\$ 210). Há também o guaraná em bastão (Cr\$ 1.100) e em pó.

A grande maioria do rico artesanato que se vende em Belém é feito em Icoaraci, povoado há uns 40 minutos de carro, onde os turistas poderão ver os artesãos trabalhando e também comprar a preços vantajosos.

Comércio nos sobradões

A rua Santo Antônio, que liga a avenida Vargas ao Ver-o-Peso e ruas laterais de comércio, no bairro da Campina, tem um movimento in-

pressionante e muitos casarões do ciclo da borracha com suas fachadas e azulejos coloridos originais. No térreo estão instaladas as lojas de comércio varejista e no segundo piso ficam os estoques das lojas. Antigamente, a parte de cima era residencial, mas com o tempo o comércio foi tomando conta.

Na Santo Antônio está a curiosa casa Paris N'América toda em estilo francês, bem na esquina da praça Barão de Guajará. No fim dessa rua começa a João Alfredo, de comércio mais movimentado da cidade, e que termina na praça do Relógio e feira do Ver-o-Peso, já na cidade Velha. No seu início está o largo e Igreja da Mercês, de 1640, uma das antigas igrejas de Belém. De dia, esse é um dos melhores pontos para se observar o **papa chibé**, designação do homem comum. Chibé é água e farinha que se come com carne seca, camarão ou peixe frito. Mas é na rua Gaspar Viana, paralela à Santo Antônio, quase deserta e com casarões abandonados, onde se vê numerosas e bem conservadas fachadas com azulejos importados.

Em algumas esquinas da Presidente Vargas sempre há o carrinho de uma tacacazeira, mulheres que vendem o popular tacacá com tucupi — massa branca de mandioca, cozida com camarão e folha de jambu. É uma bebida que se toma quente servida em cuia.

Andando pelas ruas de Belém sob o sol forte e após ter comido alguma iguaria picante, a sede será constante e insuportável. Então é hora de ir a uma das boas sorveterias típicas de Belém — as mais conhecidas são a Cairy, Iby, a Tip-Top ou Sorvetão e a Santa Marta. Os sorvetes e também os sucos de frutas regionais são os mais variáveis, todos eles saborosos: graviola, açaí, caju, tapioca, bacuri, cupuaçu, castanha-do-pará e outros. Essas sorveterias também servem o guaraná Garoto — delicioso, forte e escuro como Coca-Cola. Outro bom guaraná de Belém é o Cerpa. Sorvete, Cr\$ 50; guaraná, Cr\$ 60.

Museu e bosque

Belém está cheia de ruas com árvores frondosas, formando "túneis" ou longos corredores de mangueiras. Na avenida Nazaré há o "túnel das mangueiras": na época das frutas, a partir de dezembro, é até perigoso andar em suas calçadas. Outra rua com muitas mangueiras é a Governador José Malcher, onde



está o Palacete Bolonha, do início do século e estilo art nouveau (atual sede da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo).

Mas para conhecer a flora e também a fauna da região Norte o melhor é ir ao Museu Emílio Goeldi, antigo Museu Paraense e único existente no mundo especializado em antropologia amazônica. Está dividido em seções de zoologia, botânica, geologia e antropologia. Possui 14 mil peças de grupos indígenas, 200 mil fragmentos de cerâmica, 50 mil amostras de plantas, 500 amostras de madeiras. Na divisão de zoologia há 30 mil exemplares catalogados.

O museu mantém parque zoológico com muitas espécies raras da Amazônia vivendo em seu ambiente natural: há onças, pássaros (papagaios, gaviões, flamingos, etc.), lago de tartarugas, macacos, lago com vitória-régia, tanque com peixe-boi, cobras, jacarés e árvores: castanha-do-Pará, tucumã, carambola, samameira e outras. No pavilhão antropológico estão algumas urnas funerárias indígenas e achados de sambaquis. Há peças de cerâmica marajoara, colares e urnas do século XVI. Vêm-se vários instrumentos musicais, cocares e adornos. Mas o mais impressionante, além das urnas com esqueletos, é uma cabeça de índia reduzida, da tribo tchancha, Equador. O museu tem um casarão da época da borracha e a sede administrativa é uma "rocinha", caracterizada por ser rodeada de janelas que têm venezianas na sua parte superior e vidros embaixo.

Um pouco mais afastado, a três ou quatro quilômetros do centro, está o Bosque Rodrigues Alves, na nova e larga avenida Almirante Barroso, que dá acesso para o Interior e ao bairro do Coqueiro — onde foram construídos os modernos hotéis de Belém, como o Vips e o Estatus. O bosque é a área verde urbana mais bonita da cidade, tendo grutas e lagos artificiais, fauna e flora regionais, orquidário e aquário. Logo na entrada (ingresso de Cr\$10), várias araras recebem os visitantes, ao lado de tendas de artesanato. Pode-se ver aí em tanques rasos alguns exemplares do pirarucu, peixe tão requisitado na culinária amazônica. Os dois pontos mais interessantes do bosque são a Gruta Encantada, onde uma lenda diz que habitavam os duendes Curupira e Mapiquari, e o Lago da Iara com a Ponte do Inferno — há a estátua da Iara, plantas aquáticas e altas árvores.

A igreja mais conhecida de Belém é a Basílica de Nossa Senhora do Nazaré, construída no fim do ciclo da borracha, em 1909, imitando as linhas da Basílica de São Paulo, em Roma. Tem portas de bronze, teto em cedro amarelo, luminárias da Itália, paredes de mármore de brecha, vitrais, sinos e muitos componentes importados. A igreja centraliza as atenções durante o Círio de Nazaré, a maior festa religiosa do País e que se realiza no segundo domingo de outubro. A imagem da santa sai da Cidade Velha (Catedral) e vai em procissão, acompanhada por quase 500 mil pessoas, para a Basílica, onde permanece por 15 dias. No Círio, o folclore paraense ressurge nas danças e cantos do Carimbó, Marujada, seriá, sairê, lundu e boitinga.

Outras igrejas: catedral (1743), Nossa Senhora do Carmo (1766), São João (1772), Rosário (1848), Nossa Senhora de Santana (1855), Santo Antonio (1743), Santo Alexandre (1772) e Mercês (1754), todas representando um valioso patrimônio histórico e artístico.

Rios e florestas

Todos os turistas que chegam a Belém querem sempre fazer os passeios de barco pelo rio Guamá, entrando em Igarapés e desembarcando em alguma ilha com floresta e trilhas. Nessas ilhas, o guia fala sobre a flora durante caminhadas por picadas improvisadas. Vêm-se cajueiros, castanha-do-pará, cacau, cupuaçu, açai, segingueira, buriti, jatobá, tucumã. Outro tour muito procurado é à ilha de Marajó — com fazendas que têm criação de búfalos e recebem visitantes, oferecendo queijo e leite de búfala, passeio no costado de búfalo, pesca e incursões por rios e florestas.

A agência de viagem especializada no Marajó é a Metur, que é proprietária da Pousada, com quatro suítes e dez apartamentos em cabanas típicas e restaurante sobre um lago com jacarés e peixes. Ela tem um pacote que custa Cr\$ 20 mil, de sexta a sábado (só café), com hospedagem, passeios de barco e show de carimbó, música regional paraense. Dispõe também de saídas regulares diariamente. Pode-se ir à ilha por avião bimotor (Cr\$ 5.500) ou de barco (Cr\$ 600). O barco da Enasa, com 70 poltronas, cobra Cr\$ 1.500.

Somente a Paratur e a agência Ciatur são proprietárias de navios, mas todas as agências de Belém

(Gran-Pará, Tel Star, Neytur, Lusotur, Adetur, Mundiais, Aeropass) vendem excursões que utilizam esses navios e todas têm programas para o Marajó. Outros tours são para a ilha do Mosqueiro, balneário com 13 praias fluviais e a 60 quilômetros de Belém. Dispõe de restaurantes e hotéis, sendo o Murubira seu principal hotel, com diárias de Cr\$ 5 mil a Cr\$ 13.500. As praias oceânicas estão em Salinópolis, a 200 quilômetros.

Restaurantes e hotéis

As comidas regionais com temperos fortes e picantes são outro grande atrativo de Belém, não faltando bons restaurantes especializados. O pato no tucupi é o mais famoso (pato assado e depois fervido no tucupi, que é o suco da mandioca. Servido em pedaços, com folhas de jambu). A maniçoba é a folha da mandioca (maniça) cozida e misturada com lobmo defumado, charque, mocotó de boi, linguça, bucho, costela e rabo de porco. Há o tacacá no tucupi e o casquinho de caranguejo ou muçã, que leva também muitos ingredientes, até farinha de mandioca. Os peixes mais típicos são o tucunaré e o pirarucu — o bacalhau da Amazônia.

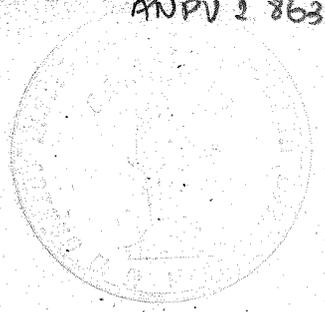
O Círculo Militar e o Lá em Casa são dois dos melhores restaurantes que servem comida regional (e internacional), a preços que oscilam nos Cr\$ 1 mil. Os outros são o Prato de Barro, Regatão, Pato de Ouro, Marisqueira e o Navio da Paratur, na Escadinha do cais.

As margens do rio Guamá, o Novotel (quatro estrelas) é um dos principais da cidade. De sua piscina tem-se boa vista do rio e de algumas ilhas. O navio da Ciatur sai do ancoradouro do Novotel para tours às ilhas. Diária em torno dos Cr\$ 1 mil. Está a uns oito quilômetros do centro. Outros hotéis: Palace, Selton (quatro estrelas), Grã-Pará, Vanja, Regente, Sagres (três estrelas), Cambará, Diplomata (duas estrelas). Em 1983 deverá ser inaugurado o Hilton, de cinco estrelas. O Gran-Pará, no centro, tem diárias de Cr\$ 6.700 a Cr\$ 8.300.

É comum chover em Belém, geralmente à tarde, e todos esperam pelas pancadas d'água repentinas. Mas os visitantes às vezes se frustram e não vêem chuvas: acontece que ela pode ser setorial e muita rápida. E também há somente duas estações, verão e inverno, sendo que nos poucos meses de inverno as chuvas são constantes.



Decreto nº 3700 de 06-10-1970



A capital paraense, "porta de entrada da Amazônia" é uma das mais atraentes cidades brasileiras. Foi fundada em 1616, e cresceu ao redor do Forte do Castelo, antigamente do Presépio, às margens da baía de água doce do Guajará, formada por dois rios: Guamá e Pará. Quem visitar o Forte, na Cidade Velha, capta uma bela visão da baía e da fantástica Feira de "Ver-o-Peso", e do "Mercado de Ferro ou Mercado de peixe, como diz o povo. Dezoito canhões nas muralhas do antigo Forte atestam os anos de lutas e defesa.

O calor é forte e úmido pesando sobre os turistas acostumados a climas mais suaves. Mas a brisa, que vem da baía do Guajará, ameniza um pouco, predispósito a visitas aqui e ali. Vejamos, por exemplo, um passeio à Cidade Nova, perto das modernas avenidas Presidente Vargas e Assis de Vasconcelos, onde se encontra o Teatro da Paz, imenso, com 1.100 lugares, exatamente de um suave tom cor-de-rosa. Foi erguido em 1868 e ali, durante muito tempo companhias teatrais famosas apresentaram espetáculos inesquecíveis. Estas glórias do passado inspiram a Secretaria de Turismo do Pará o retorno de bons espetáculos.

Pará possui outro bom teatro: o Experimental, que fica na Praça da República, antigo Largo da Pólvora, todo sombreado de coqueiros e árvores nativas. Como em Pará morreu o compositor campineiro Carlos Gomes, é natural que se procure onde fica o monumento em sua memória: ele ergue-se ao lado do Bar do Parque, e não está bem conservado como merecia.

Um Museu de muita fama

Belém se caracteriza pelas mangueiras, que se enfileiram em numerosas ruas, formando verdadeiros túneis verdes, carregadinhos de frutas, na época certa. Agora, por exemplo, as mangas começam a amadurecer, e podem despencar na cabeça do turista distraído. Na av. Nazaré, na Gov. José Malcher, e em outras, as mangueiras são frondosas e muito bonitas.

O Museu Emílio Goeldi, antigo Museu Paranaense, é famoso no mundo inteiro. Por ser o único especializado em Antropologia Amazonense. Possui divisões de Zoologia Botânica, Geologia e Antropologia, e um acervo riquíssimo: 14 mil peças de tribos indígenas; 50 mil amostras de plantas; 200 mil fragmentos de

cerâmica, 500 amostras de madeira, 30 mil exemplares de animais. No seu Zoo, vivem animais da região, como: gaviões, onças, macacos, tartarugas, cobras, jacarés, peixes-boi, papagaios, aves raras. Urnas funerárias, achadas em sambaquis; utensílios e armas indígenas; adornos belíssimos estão no setor de Antropologia. E quem quiser ter uma visão nítida de como se vivia no tempo da grande extração da borracha deve visitar um casarão da época, ali perto. A visita ao Museu é feita por simples turistas como por cientistas brasileiros e estrangeiros, atraídos pela sua fama.

Bosque e Igrejas

A cerca de 4 quilômetros do centro de Belém fica o Bosque Rodrigues Alves. Trata-se de uma área verde urbana tendo grutas e lagos artificiais, exemplares da flora e da fauna, orquidário e aquário. Pagando pequeno ingresso, o turista pode deslumbrar-se com pássaros maravilhosos como araras, tucanos, papagaios, periguitos, ou exemplares de peixes que antes só ele conhecia de ouvir falar: pirarucu e peixe-boi, entre outros. Plantas aquáticas, com destaques para a vitória-régia tornam o lugar muito atraente.

Quanto às igrejas, há muito a ser visto em Belém. A mais conhecida é a Basílica de Nossa Senhora do Nazaré, erguida em 1909, já no fim do ciclo da borracha. É uma cópia da Basílica de S. Pedro, em Roma: suas portas são em bronze, o teto em cedro amarelo, as paredes de puro mármore, os sinos importados. Ali realizam-se os grandes festejos do Cirio de Nazaré, no segundo domingo de outubro, atraindo gente de todos os Estados brasileiros. A imagem da Santa sai da Catedral (Cidade Velha) e vai em procissão até a Basílica, onde fica 15 dias. Durante o percurso, grupos folclóricos cantam e dançam o Carimbó, a Marujada, Lundus e Boitingas. Famosas são ainda as igrejas do Rosário, Nossa Senhora de Santana, Santo Alexandre e das Mercês.

Culinária regional

Forte, saborosa, quase sempre picante, a culinária de Belém forma um capítulo importante. Em algumas esquinas encontram-se carrinhos, vendendo não cachorro-quente, como aqui, mas o popular "tacacá com tucupi" - massa branca de mandioca, cozida com camarão e folha de jambu. As mulheres que o servem são chamadas "ta-

cazeiras", e trata-se de um angu quente servido em cuia.

O pato no tucupi, que vem ser um pato assado, e depois fervido no suco de mandioca (tucupi) é o mais popular. A maniçoba exige um estômago resistente: trata-se de um prato feito com maniiva (folha de mandioca), cozida e misturada com lombo defumado, charque, mocotó de boi, linguica, bucho, costela e rabo de porco. O tacacá no tucupi, o casquinho de caranguejo ou muçã, os peixes típicos, como o pirarucu (também chamado bacalhau da Amazônia) e o peixe-boi são servidos bem apimentados. Haja estômago para suportá-los. Os sorvetes e sucos de frutas são deliciosos, como os de araçá, graviola, açaí, caju, castanha do Pará, bacuri e manga.

Passeio obrigatório: "Mercado de Ver-o-Peso"

"Ver-o-Peso" é o lugar mais típico, movimentado e misterioso de Belém. Ali tudo se compra e tudo se vende ou se troca. Repleto de tendinhas, movimentadíssimo, é um lugar onde a gente pode encontrar as coisas mais exóticas do mundo: perfumes entontecedores, ou "cheiros", uns com efeitos afrodisíacos, outros para tirar o mau-olhado, ou quebranto (como se diz), além de beberagens esquisitas, feitas de raízes e folhas da floresta, incensos silvestres e perfumes sertanejos.

Uma das coisas mais procuradas lá é o sexo dos botos, tido como infalível atrativo, amuleto de muita força para o homem e a mulher. Outro filtro amoroso forte é a "água de jiboia", água em um vidro com uma cobra jiboia dentro; os dentes de jacaré; os chifres de boi.

Raízes, folhas e frutos produzem perfumes inebriantes, que o povo acredita possuírem efeitos mágicos. As receitas, por certo, derivam-se de feiticeiros indígenas. Deles também são as beberagens medicinais contra tosses bravas, fraquezas, tosses, dores diversas. Os cheiros mais comuns são o sândalo, o tajá, o uirapuru, o paticholim ou cheiro do Pará. Experimente-os.

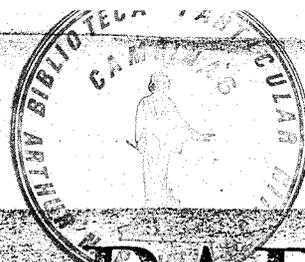
No "Ver-o-Peso" há cerâmicas marajoaras lindas, desde cinzeiros minúsculos, até enormes jarras e urnas. Trata-se do inspirado artesanato local, que também inclui trabalhos muito bem feitos em cestaria e rendas.

O original "Mercado de Ferro"

O mais pitoresco cartão de visitas de Belém é seu Mercado de Ferro, importado peça por peça da França. Em seu interior amontoam-se hoje barraquinhas que vendem de tudo, principalmente peixes, frutas e verduras.

Quem visita o "Ver-o-Peso" e o "Mercado de Ferro" sente-se atraído pelos vendedores ambulantes de maniçoba, que é o tal mingau feito de peixe frito, leite de coco, castanha-do-Pará; vendedores de tacacá com tucupi, ou ainda de casquinho de muçã. Mas, cuidado, tais iguarias realmente deliciosas são indigestas.

Terminado o passeio é só procurar algum "tour" em agência de viagem para conhecer os igarapés, ou chegar até a Ilha de Marajó com suas fazendas de criação de búfalos, ou ainda visitar a Ilha do Mosqueiro, balneário a 60 km de Belém. Por toda a parte há bons hotéis e restaurantes. Basta saber escolhê-los.



BELÉM DO PARÁ

Belém do Pará tem a proteção de Santa Maria de Belém. Nela se harmonizam, em singular encanto, a cidade velha e a cidade nova. A primeira reverberando história e côr regional. A segunda projetando-se, desenvolta, audaciosa, para o amanhã.

A fachada dos seus prédios assinala, nos remanescentes e tranquilos casarões assobradados, de azulejo azul, a graça do modo de construir dos tempos em que ela era, em quase tudo, portuguesa e, nas linhas arquitetônicas verticais, na direção do céu, o desassombro, que define Belém do Pará como a cidade-metrópole, que tem por missão redimir a Amazônia brasileira.

CIVILIZAÇÃO EQUATORIAL

Grande e autêntica metrópole do Norte, Belém do Pará, na sua pujança e na sua beleza desmente os preconceitos de que a civilização não pode florescer na faixa equatorial. Implantada numa planície privilegiada do mundo amazônico ela possivelmente trará a sua contribuição ao País, mostrando-nos como devem ser as cidades que vão irrompendo para o terceiro milênio, ao mesmo tempo balsâmicas e industrializadas.

Por esses dois princípios básicos orienta-se a administração do prefeito Stélio Maroja que, situando-a em posição de receber o fluxo desenvolvimentista, refletido na política de incentivos fiscais do governo da República, preocupa-se também em fazê-la a cidade que abrigue o homem, no contexto dos seus sonhos e das suas aspirações.

Até Deus quer que ela seja amena, que seja uma lição de que o progresso não deve gerar conflitos e deve abrir o seu caminho enriquecido pelo conteúdo humano, pelo bem-estar individual e social. Brisas vêm do Atlântico suavizá-la, chuvas rápidas e repentinas purificam os seus ares e mangueiras de ramarias entrelaçadas sobre as ruas, as avenidas e as praças dão-lhe sombra, fruto e poesia.

A sombra dessas mangueiras velhas, que são história viva, Belém do Pará iniciou a sua demarcação para um estágio superior de desenvolvimento. "Não serás a menor" — está escrito no seu brasão; e ela vive, na euforia e na fé, a grandeza desse destino.

COMPROMISSO

Belém do Pará de hoje é a Belém de um povo que constrói arranha-céus, implanta indústrias, abre novas fronteiras, se aristocratiza mais nos hábitos de vida de sua sociedade, ligada aos centros de elegância do mundo, e melhora os padrões de existência de cada um de seus filhos. Aformoseia-se em suas praças, em suas avenidas, no seu urbanismo. E aceita o desafio da integração que lhe cabe cumprir no mundo amazônico.

Belém do Pará é a metrópole do Norte que (como Manaus) tem a nobre missão que lhe vem do compromisso de fazer com que o Brasil venha a ser, efetivamente, um País só, na igualdade da sua economia e das suas aspirações. Nesse ponto ela avulta, pela irradiação da sua influência, como a colaboradora das Forças Armadas na tarefa de preservar a soberania nacional. Por rodovias pioneiras ela cami-

nha até o recesso das mais fundas florestas; pela navegação, serve populações ribeirinhas dos afluentes do rio Amazonas, em viagens de longos dias, não isentas de riscos e grandes perigos e, nos pontos mais longínquos, onde nem rodovias, nem embarcações típicas chegam, os homens da Força Aérea Brasileira, alcançando vôo do Aeroporto Internacional de Val-de-Cães, pousam, sempre realizando pioneirismo.

E se Belém do Pará era o centro dos naturalistas europeus, com o seu famoso Museu Emilio Goeldi, de renome internacional, nos dias presentes é um centro palpitante de empresários atraídos por suas imensas potencialidades em reservas naturais e pelas condições de infra-estrutura que ela oferece à instalação de indústrias. Nessa conjuntura atual o Museu Goeldi continua, em outros sentidos, a ter o seu preponderante papel e, junto dele, a Universidade Federal do Pará que se transformou numa universidade viva, orientada para pesquisas e experiências.

Assim, Belém do Pará, como todo o seu patrimônio cultural, assinalado inclusive pelo Teatro da Paz, construído no Império, por suas igrejas, que são monumentos, pelo Bosque Rodrigues Alves, por seus institutos de formação técnico-científica, no envolvimento de indefinível sortilégio da sua natureza formada de águas e de encantos verdes, sustenta a sua nova posição com galhardia. E é a promessa de oferecer ao Brasil uma cidade-metrópole de sentido novo, na mistura da indústria, do humano e do compromisso com a Amazônia, uma afirmação de grandeza na faixa equatorial. Olhando por ela, por seu trabalho, sua vida, o prefeito Stélio Maroja leva-a nos braços para o ano 2.000.

(Extraído de fls. 22 do Suplemento Especial, denominado "Integração Nacional-Norte-Nordeste", do jornal "Diário de São Paulo", de S. Paulo, datado de 15-novembro-1969).